



ANÁLISE
POR
NILTON
BONDER

Um dos grandes sonhos da humanidade é encontrar vida inteligente em outro

planeta. De alguma forma, já vi-

vemos essa experiência no passado. Nossa espécie, os sapiens, foi contemporânea de outro grupo inteligente de homínidos, os neandertais. As espécies conviveram e até acasalaram deixando possíveis primos “Romeus e Julietas”, responsáveis por 2% dos genes dos “primos” em nós.

Seu desaparecimento é um mistério. Uma teoria especula que a extinção teria ocorrido num período glacial há 30 mil anos. Residentes na fria Eurásia, apesar de mais robustos e com dieta calórica superior, não teriam desenvolvido vestimentas sofisticadas. Nossos ancestrais, ao contrário, por evidências de agulhas e outros apetrechos, aprimoraram tecnologias na área do vestuário e da moda. Coser peles e adaptá-las ao corpo teria permitido que sobrevivessem ao desafio climático. E a moda teria salvado os sapiens!

O impacto adaptativo de uma peça de rou-

MODA SAPIENS



algo sobre nós! Não há como negar a sensação de que andamos nas ruas como se houvesse duas espécies distintas convivendo, mascaradas por

seus valores e civilização. Diria que os de máscaras, se assemelham a sapiens aceitando intercorrências e buscando soluções. Os sem máscara, encaram com sua “robustez” o desafio. E apostaria que aqueles da espécie sem máscara coincidem com os que passam ao largo de questões do clima e das adaptações necessárias, tal como os “primos” fizeram.

Conviver com outras espécies “inteligentes” não é fácil. Talvez devamos gozar de nossa solidão cósmica ao invés de sonharmos com encontros de “terceiro grau”. Para a sociedade, a “moda-que-não-pegou” expôs a difícil arte de tolerar. Para a evolução que não é tolerante, mas implacável na seleção “do que sabe”, o sapiens, a coisa é diferente. Quem sapiens faz a hora, não espera acontecer!

Nilton Bonder é rabino, autor de 23 livros traduzidos em 18 idiomas, dois deles adaptados ao teatro e cinema. Fundador do Centro Cultural Midrash no RJ, dramaturgo de *Cura*, próximo trabalho da Cia. de Dança Deborah Colker, e da peça *Eros*, com direção de Marcio Abreu.